
Para o Folheto da montagem paulista de Roda viva – 1968

Chico, você está trocando o imenso público das televisões pela plateia reduzida de um teatro?

Chico - O ideal, é claro, seria que o público de TV frequentasse teatro. Mas diante da opção, desta vez fiquei com o pequeno palco. Você sabe, à medida que se conquista um público maior, menor é a possibilidade que se tem de transmitir algo sinceramente seu. No momento prefiro dizer mais coisa a menos gente.

E com essa peça você pretende criticar o que se faz atualmente em música popular brasileira?

Chico - Não pretendo julgar música alguma e nem me coloco em posição para tanto. Sendo o personagem central um cantor, é natural que cante motivos e ritmos do momento. Procurei, portanto, parodiar modelos de iê-iê-iê, canção de protesto, "som universal", etc., usando chavões de cada um desses gêneros (que todos os tem). Brinco inclusive comigo mesmo, dentro do tom que o espetáculo pede.

E você não se define por nenhuma dessas correntes?

Chico - Aqui não entra em questão o valor musical de coisa alguma. O meu iê-iê-iê, por exemplo, tem uma letra boboca. Mas os compositores brasileiros desse gênero (que não são, como querem uns, monstros dispostos a destruir a nossa música autêntica) pretendem apenas compor canções alegres, inocentes e dançantes. Já os compositores que se dizem sérios, correm com essa seriedade o seu maior perigo. Vários valores indiscutíveis, pesquisam realmente a linguagem do povo para lhes devolver em forma de canção. E que se tristeza é assistir, meses depois, seu trabalho desbotado num programa de domingo à tarde na televisão, bailarinas cansadas balançando as pernas, pra lá e pra cá, em ritmo de protesto. É por isso que me incluo no rol dos debochados. Um mês depois de composto, meu samba já não é meu. É mercadoria exposta ao consumo, desgaste, ridículo e rejeite.

Você não acha que está colocando em jogo seu nome?

Chico - *É um risco necessário. Estou certo de que meu nome como compositor atrairá um público que não há de encontrar o que espera. Mas eu acho que vale a pena romper às vezes com a própria imagem, principalmente quando essa imagem é criada pelo gosto fácil da televisão. Eu não quis fazer "show", nem mostrar um samba novo. Eu quis fazer teatro na linguagem própria do teatro.*

Trata-se duma primeira experiência? Outras se seguirão?

Chico - *Foi uma primeira experiência que poderá se repetir. O texto foi escrito com entusiasmo, ainda há muito a aprender. O trabalho com José Celso e Flávio Império já me valeu muitas lições. Dotados de notável espírito criador, deram a vida que faltava ao texto. E assisti com espanto a cada fase crescente da comédia pequenina, que resultou num espetáculo em que acredito plenamente.*

Disponível em

http://www.chicobuarque.com.br/texto/entrevistas/entre_folheto.htm
